



Caminhos floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano

LARA DE SOUZA BESSA

Flowered paths: photography as a mediator of
botanical visibility among students from the
bahian backlands

Caminhos floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano

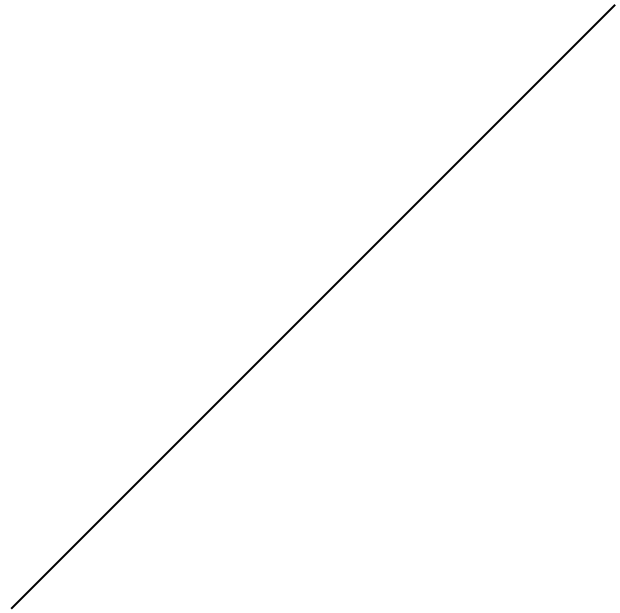
Flowered paths: photography as a mediator of botanical visibility among students from the bahian backlands

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS.
FOTOGRAFIA.
TERRITÓRIO.
VISIBILIDADE
BOTÂNICA.

KEYWORDS
SCIENCE EDUCATION.
PHOTOGRAPHY.
TERRITORY.
BOTANICAL VISIBILITY.

RESUMO Este artigo apresenta uma experiência pedagógica com estudantes do segundo ano do Ensino Médio/Técnico em Meio Ambiente, em uma escola estadual do sertão baiano, com o objetivo de promover a visibilidade botânica por meio da fotografia. A partir do conceito de invisibilidade botânica, compreendido como expressão das ausências e marginalizações dos vegetais no ensino de Ciências, o trabalho articula saberes científicos, estéticos e ancestrais para estimular uma relação mais sensível e afetiva com os vegetais do entorno. Amparada pela metodologia do relato de experiência, a proposta foi desenvolvida em quatro aulas, nas quais os/as estudantes foram convidados(as) a observar, fotografar e dialogar sobre elementos da flora local, utilizando o celular como ferramenta de mediação entre o olhar e a natureza. As imagens produzidas revelaram não apenas os vegetais, mas também as singularidades de quem os registrou, configurando um exercício de presença, sensibilidade e pertencimento. Inspirado nas epistemologias de Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak e Vandana Shiva, o trabalho defende o envolvimento com o território como forma de resistência à homogeneização do pensamento e como possibilidade de reencantar o ensino de Biologia. Nesse contexto, a fotografia emerge como linguagem que amplia o olhar, colore o cotidiano e contribui para visibilizar aquilo que historicamente foi silenciado.

ABSTRACT This article presents a pedagogical experience with second-year students of a Technical High School program in Environmental Studies at a public school in the backlands of Bahia, Brazil, aiming to promote botanical visibility through photography. Based on the concept of plant blindness, understood as the absence and marginalization of plants in science education, the study articulates scientific, aesthetic, and ancestral knowledge to encourage a more sensitive and affective relationship with the surrounding vegetation. Supported by the methodology of an experience report, the proposal was developed over four classes in which students were invited to observe, photograph, and discuss elements of the local flora, using mobile phones as tools mediating the relationship between perception and nature. The images produced revealed not only the plants themselves but also the singularities of those who captured them, configuring an exercise in presence, sensitivity, and belonging. Inspired by the epistemologies of Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, and Vandana Shiva, the work advocates engagement with territory as a form of resistance to the homogenization of thought and as a possibility to re-enchant biology education. In this context, photography emerges as a language that expands perception, colors everyday life, and contributes to making visible what has historically been silenced.



INTRODUÇÃO “Mandacaru quando fulora na seca / É o sinal que a chuva chega no sertão / Toda menina que enjoa da boneca / É sinal que o amor já chegou no coração.” (Gonzaga; Dantas, 1987). Início este texto com os versos cantados por Luís Gonzaga porque eles anunciam o milagre da floração em tempos áridos. No sertão, o verde que desponta é mais que cor: é esperança, é resistência.

A caatinga, tantas vezes vista como seca e dura, revela uma fertilidade silenciosa, tanto no solo quanto nas gentes que ali vivem. Mesmo diante das transformações trazidas pela globalização e das rupturas culturais cada vez mais acentuadas, ainda resistem memórias vivas.

Neste caminhar, os vegetais ganham destaque. São eles a base da vida, sustentando silenciosamente os ciclos da Terra. Pela fotossíntese, transformam luz em alimento, liberam o oxigênio que respiramos e retiram da atmosfera o carbono que aquece o planeta (Brito, 2019; Vieira et al., 2009). No entanto, ainda são muitas vezes reduzidos a pano de fundo da paisagem, como se fossem apenas cenário, e não sujeitos ecológicos fundamentais à existência.

Apesar disso, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda são poucos os docentes que incorporam a linguagem da imagem em sala de aula (Campanholi, 2014). E no entanto, ela carrega em si o poder de multiplicar olhares: uma mesma planta pode ser vista de muitas formas, a depender de quem segura a câmera e de como se permite ser atravessado por aquilo que vê.

Para sustentar as raízes deste trabalho, foi necessário ouvir vozes que brotam das margens e que, justamente por isso, têm denunciado com mais força os efeitos da homogeneização do mundo. Dentre esses nomes, destacam-se Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Vandana Shiva, pensadores e pensadora que caminham na contramão da

monocultura do pensamento e nos convocam a reconhecer a beleza da diversidade, em todas as suas formas.

Reencantar o olhar sobre os vegetais, reconhecendo neles não apenas elementos bioquímicos, mas também marcadores de identidade cultural, é uma das bases do pensamento de Santos (2023). Envolver-se é assumir uma escuta atenta às singularidades do lugar, é saber que os cactos da caatinga não são meramente organismos adaptados, mas símbolos vivos da resistência e da estética nordestina.

Na mesma linha, Krenak (2022) afirma que recriar mundos exige mergulhar profundamente na terra. Ele critica o desejo capitalista por um mundo homogêneo, no qual a beleza natural, por não gerar lucro imediato, é ignorada. Para o capital, a lucidez é ameaça e o encantamento, desvio. Assim, somos constantemente empurradas(os) a consumir modos de vida prontos, exibidos nas vitrines digitais que moldam o que vemos.

Nessa crítica à uniformização da existência ressoam também os escritos de Shiva (2003). A autora denuncia que a monopolização da agricultura, marcada por monoculturas de exportação como a soja, empobrece o solo e o imaginário alimentar dos povos. A perda da biodiversidade ambiental caminha junto à erosão da diversidade cultural e intelectual. Mentes lineares refletem um mundo que exige tudo igual, previsível e controlável, onde a aniquilação das diversidades torna-se parte do próprio projeto.

O ponto de partida desta reflexão é o conceito de “cegueira botânica” (hoje revisto como “invisibilidade botânica”), cunhado por Wandersee e Schussler (1999). O termo descreve um fenômeno social profundamente enraizado: o desinteresse coletivo pelos vegetais, frequentemente percebidos apenas como elementos decorativos, e não como a base que sustenta a vida na Terra.

Ursi e Salatino (2022), ao revisitarem o conceito, apontam que a expressão “cegueira botânica” carrega um viés capacitista ao associar cegueira à ignorância, propondo a adoção do termo “invisibilidade botânica”. As autoras também destacam que esse desinteresse está ligado à percepção sensorial: por não se moverem nem provocarem medo, os vegetais tendem a receber menos atenção.

Outro fator associado a essa invisibilidade é o que Katon (2015) identifica como “zoochauvinismo”, termo difundido por Hershey (1996), que descreve a tendência histórica e pedagógica de valorizar mais os animais do que os vegetais, especialmente no ensino de Ciências.

Este trabalho, portanto, teve como objetivo geral promover a aproximação de estudantes de uma escola estadual da Bahia com a flora local por meio da fotografia. Os objetivos específicos foram: (1) possibilitar que os vegetais do entorno adentrassem o espaço escolar como parte viva do processo de aprendizagem; (2) incentivar o fazer artístico como ferramenta de presença e expressão; (3) estimular a reflexão crítica sobre o papel da tecnologia quando utilizada como ferramenta de sensibilização e transformação social.

METODOLOGIA Como percurso metodológico, este trabalho configura-se como um relato de experiência, no qual descrevo vivências pedagógicas desenvolvidas com uma turma do segundo ano do Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Meio Ambiente do Centro

Territorial de Educação Profissional de Araci (CETEP/Araci), localizado no município de Araci/BA, no Território de Identidade do Sisal.

A escolha da turma deveu-se à presença, em sua matriz curricular, do componente Projeto Experimental, ministrado por mim, o que possibilitava a criação e o desenvolvimento de propostas pedagógicas de caráter transversal. Além disso, o trabalho com fotografia dialogava com a pesquisa de mestrado que eu começava a desenvolver no Programa de Pós Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB), voltada à fotoperformance.

Evidenciar que o saber científico não se encontra apenas nos livros ou nos laboratórios, mas também pulsa nas folhas que balançam ao vento, nas flores que despontam nos muros da escola e nos cactos que insistem em viver mesmo em solos áridos, revela-se uma experiência profundamente enriquecedora.

Por meio da fotografia, buscou-se estimular um outro olhar: mais atento, sensível e implicado com o ambiente. Um olhar que não apenas observa, mas se envolve. As etapas das aulas que desdobram esse processo são apresentadas a seguir.

AULAS	PROCEDIMENTOS
Aula 01	Explicação sobre invisibilidade botânica e exibição de imagens de meu arquivo pessoal, de vegetais que fotografo em meu cotidiano.
Aula 02	Orientação sobre o que irão fotografar. Ex: vegetais na íntegra ou parte dos vegetais (flores, frutos, folhas, etc).
Aula 03	Entrega das fotos registradas pela turma.
Aula 04	Exposição das fotos em slides e discussão do conteúdos das mesmas.

TABELA 1 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPERIENCIADA EM UMA TURMA DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO/TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE NO SERTÃO DA BAHIA/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Cada aula teve duração de 45 minutos. O percurso iniciou-se na Aula 1, dedicada à introdução do conceito de invisibilidade botânica. Com o auxílio do datashow, apresentei à turma fotografias autorais registradas com o celular em meus percursos cotidianos, entre o quintal de casa e o trajeto até o trabalho.

As imagens exibidas compunham um mosaico de encontros com a vida vegetal: flores de variadas formas e cores, uma pinha repousando sob a luz da manhã (Figura 1), um cacto que, desafiando a lógica, brotara sobre o galho de uma árvore (Figura 2).

A intenção era simples, mas profunda: despertar na turma um olhar mais atento aos vegetais do entorno, mostrando que eles não habitam apenas livros didáticos ou áreas de preservação, mas também nossos caminhos cotidianos, muitas vezes invisibilizados pela pressa e pelo desinteresse socialmente cultivado.

Na Aula 2, propus aos estudantes uma atividade de observação sensível e criação imagética: fotografarem, com seus próprios celulares, os vegetais presentes em seus arredores: nos quintais, nas calçadas, nos canteiros da rua ou mesmo em vasos esquecidos em alguma janela.

As imagens poderiam contemplar o vegetal em sua totalidade ou destacar apenas uma de suas partes (raiz, caule, folhas, flores, frutos ou



FIGURA 1- PINHA À LUZ DO DIA/
FONTE: ARQUIVO PESSOAL,
TEOFILÂNDIA/BA, 2024.



FIGURA 2- CACTO SOBRE
TRONCO/ FONTE: ARQUIVO
PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA,
2024.

sementes) como forma de revelar a beleza escondida nos detalhes.

Na Aula 3, os registros começaram a florescer. Recebi quarenta fotografias, revelando uma rica diversidade de olhares e de vegetais: cactos que resistem ao sol, hortaliças cultivadas com cuidado, frutos maduros, flores em plena abertura e árvores frutíferas que compõem o cotidiano das famílias.

As fotografias foram encaminhadas por meio do aplicativo WhatsApp e, posteriormente, organizadas em uma pasta no meu computador pessoal, onde cada arquivo carregava, não apenas uma representação visual, mas também uma história, um gesto de atenção, um momento de conexão entre o estudante e o vegetal observado.

Na Aula 4, realizamos a exposição das fotografias com o auxílio do datashow. Uma a uma, as imagens foram projetadas e seus autores e autoras convidados a comentar suas escolhas: por que aquele vegetal, por que aquele ângulo, o que chamou sua atenção. Assim, as fotografias ganharam voz e os registros visuais se transformaram em narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A realização das aulas sobre invisibilidade botânica revelou, com certa inquietação, que os vegetais ainda permanecem em um lugar de silêncio e apagamento no imaginário escolar.

O espanto tomou forma quando percebi que muitas(os) estudantes sequer sabiam que os vegetais são seres vivos; uma constatação que, além de alarmante, evidencia o distanciamento entre os sujeitos e o mundo natural que os cerca.

Tal condição se refere à dificuldade de perceber as plantas no ambiente, reconhecer sua diversidade e compreender sua importância ecológica e cultural, resultando em sua recorrente desvalorização nos processos educativos e na sociedade (Ursi; Salatino, 2022).

Ursi e Salatino (2022) ainda ressaltam que essa limitação perceptiva extrapola o ambiente escolar e se relaciona a uma tendência cultural que privilegia os animais em detrimento dos vegetais, contribuindo para que as plantas permaneçam invisibilizadas no cotidiano e no ensino de Biologia.

Como aponta Santos (2023), o chamado desenvolvimento não é neutro, ele destrói, subjuga e desumaniza tudo aquilo que não se encaixa nos moldes da produtividade e do lucro. Para ele, trata-se de uma expressão da cosmofofia por outras formas de se relacionar com o mundo.

Esse modelo desconecta de tal maneira que até o óbvio se desfaz: não reconhecer um vegetal como ser vivo revela uma ruptura profunda com a vida e com os vínculos que nos constituem. É deixar de ver o que está ao redor e, ao fazer isso, deixar de ver também a si mesmo.

Tal distanciamento pode ser compreendido à luz do que a literatura denomina Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), termo popularizado por Richard Louv (2016) para descrever os impactos físicos, emocionais e cognitivos decorrentes do afastamento progressivo das pessoas, especialmente crianças e jovens, do ambiente natural.

Estudos apontam que a redução das experiências ao ar livre e do contato sensorial com a natureza está associada a dificuldades de atenção, aumento do estresse, ansiedade e prejuízos nos processos de aprendizagem, evidenciando o quanto essa desconexão afeta o desenvolvimento humano de forma integral (De Oliveira; Velasquesb, 2020; Louv, 2016).

As fotografias entregues pelos estudantes foram como sementes lançadas ao vento: diversas, sensíveis, surpreendentes. Revelaram olhares plurais sobre os vegetais e os contextos onde se encontram, resgatando o que muitas vezes passa despercebido na correria do dia-a-dia.

Havia registros de flores delicadas (Figura 3), troncos retorcidos como se contassem histórias (Figura 4), árvores frutíferas, frutos como a pinha, a siriguela e o mamão, hortaliças como o coentro e o hortelã grosso além de muitos cactos.



FIGURA 3- FLORES DELICADAS/
FONTE: ARQUIVO PESSOAL,
TEOFILÂNDIA/BA, 2024.



FIGURA 4- TRONCOS
RETORCIDOS/ FONTE: ARQUIVO
PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA, 2024.

Em meio às conversas despertadas pelas fotografias, um momento em especial trouxe à tona a força do território e das memórias que nele germinam. Uma estudante, ao apresentar sua imagem do cacto coroa-de-frade (Figura 5), compartilhou com simplicidade e firmeza: “- Professora, lá na roça da minha família, quando faltava comida para o gado, a gente queimava esse cacto e depois dava pra ele comer.”



FIGURA 5- CACTO COROA-DE-FRAIDE/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL. ARACI/BA, 2024.

Esse relato, singelo e profundo, ilumina com nitidez o que Santos (2023) conceitua como envolvimento. Mais do que uma ideia, o envolvimento é prática viva, é conhecimento que nasce da experiência cotidiana, dos gestos herdados, da relação direta com a terra e com os seres que a habitam.

Aos poucos, os celulares tornaram-se extensões do olhar, revelando também um fazer artístico sensível por parte dos estudantes. Alguns registraram o vegetal em sua totalidade, como na fotografia de uma mangueira com seu tronco robusto, folhas fartas e flores discretas. Outros preferiram o detalhe, aproximando a lente do fruto, como na imagem de uma siriguela capturada com delicadeza.

Essas escolhas fotográficas revelam mais do que técnica ou estilo: revelam sujeitos(as), histórias, formas únicas de se relacionar com o mundo. A pluralidade de olhares sobre os vegetais reafirma a importância de reconhecer e valorizar cada estudante em sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Este trabalho abriu caminhos para refletirmos sobre a importância de tomar posse simbólica e afetiva do que nos cerca, incluindo o território em que habitamos. Conhecer a flora local é também uma forma de se reconhecer pertencente.

Lançar mão das tecnologias presentes no cotidiano, como o celular,

para favorecer aprendizagens significativas constitui um dos desafios e também uma das potências da educação contemporânea. A fotografia, nesse contexto, revela-se uma linguagem sensível e estética, capaz de capturar não apenas imagens, mas também sentidos, afetos e silêncios.

Ao longo do percurso, a flora local assumiu papel de protagonismo. A diversidade de formas, cores e texturas registrada pelos estudantes revelou a riqueza do território e ampliou os modos de olhar para os vegetais.

Assim, ao visibilizar as plantas e suas diversidades, busca-se também visibilizar as subjetividades dos/das estudantes e fortalecer o pertencimento a partir de um gesto simples, mas profundo: a atenção à vida que cresce ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

BRITO, Heitor Cardoso de. **Aplicação do modelo matemático predador-presa de Lotka-Volterra no consumo do gás carbônico atmosférico por árvores na cidade de Ipatinga/MG**. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia, Ambiente e Sociedade) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Teófilo Otoni, 2019. Disponível em: <https://acervo.ufvjm.edu.br/server/api/core/bitstreams/4e06dfc8-9ce7-4f80-a614-0f622bc26d1c/content>. Acesso em: 26 maio 2025.

CAMPANHOLI, Julie. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam**, n. 16, 2014. Disponível em: https://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_7/julie.pdf. Acesso em: 26 maio 2025.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **O xote das meninas**. In: GONZAGA, Luiz. 50 anos de chão. Intérprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1996. 1 CD.

HERSHEY, David. A historical perspective on problems in botany teaching. **The American Biology Teacher**, Largo, v. 58, n. 6, p. 340-347, set. 1996.

KATON, Geisly França. **Percepção ambiental de professores em ecossistemas costeiros: influência de uma vivência formativa do Projeto Trilha Subaquática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas – Botânica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de; VELASQUES, Bruna Brandão. Transtorno do déficit de natureza na infância: uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal of Science Education**, v. 7, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

URSI, Suzana; SALATINO, Antônio. É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa para “cegueira botânica”. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**, v. 39, p. 1-4, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/bolbot/article/view/206050/189636>. Acesso em: 26 maio 2025.

VIEIRA, Gislaiane et al. Teores de carbono em espécies vegetais da caatinga e do cerrado. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 7, n. 2, p. 145-155, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/9846>. Acesso em: 26 maio 2025.

WANDERSEE, James H.; SCHUSSLER, Elisabeth E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, v. 61, n. 2, p. 82-86, 1999.